

# núcleos estudantis revolucionários de base

1.

Quer as tendências sindicais e pretensamente apolíticas do Movimento Associativo (M.A.), quer as tendências que se afirmam como defensoras do Movimento Estudantil (M.E.), têm-se, normalmente, servido dos estudantes para perpetuar a sua posição de pretensas vanguardas, procurando impôr-lhes a sua ideologia.

Com o fortalecimento das linhas reformistas e/ou grupusculares no meio estudantil, tem-se verificado a utilização deste como campo de actuação das várias tendências que, cristalizadas num dogmatismo e sectarismo históricos, procuram garantir a sua hegemonia e procriação.

Sem mais em que se apoiarem e incapazes duma análise dialéctica do contexto em que estão inseridas são levadas à formulação de modelos teóricos irrealistas e à auto-afirmação como linhas "justas e correctas", procurando, inclusivamente, superar a sua impotência teórica pela violência física ou verbal.

Desta forma, facilmente, se compreende o afastamento, o descrédito e até a apatia dos estudantes que conduz ao isolamento das várias tendências e, consequentemente, do M.A.

2.

Estas linhas impedem, na prática, a livre actuação do M.E. Ora, um amplo movimento de massas só será possível através duma mobilização que parta dos problemas concretos e específicos do quotidiano estudantil. No entanto, tais problemas não devem ser encarados numa estreita perspectiva sindical e legalista mas analisados, perspectivados e inseridos no todo social de que fazem parte.

Esta mobilização terá, como finalidade, atingir os seguintes objectivos:

## 2.1 - POR UM MOVIMENTO ESTUDANTIL AUTÓNOMO

Para que o M.E., como movimento autónomo de massas, em auto-organização permanente, com uma dinâmica própria resultante quer do contexto estudantil, quer do contexto social em que aquele está integrado, possa efectivar-se deverão as massas assumir o controle do processo, ultrapassando as tendências -- quer reformistas, quer grupusculares -- que o procuram espartilhar e subjugar.

Não é nossa intenção apontarmos a "melhor solução". Ela não es





tã em nós. Cabe ao próprio M.E. e deverá surgir dele na dinâmica do seu processo de luta. Não será através das auto-denominadas vanguardas que o processo poderá avançar. Serã sim, na sequência dessa dinâmica que surgirã as verdadeiras vanguardas que, representando, realmente, a vontade do M.E., irã catalizar o processo, após o que, uma vez ultrapassadas, se dissolverã no próprio M.E..

## 2.2 - POR UMA POLITIZAÇÃO E CONSCIENCIALIZAÇÃO DE BASE

O trabalho político e cultural desenvolvido pelas linhas reformistas e/ou grupusculares tem sido orientado, essencialmente, para a reprodução de cada um dos detentores da "verdade". Desta forma, ele é utilizado para o recrutamento de novos elementos -- caça ao 1º Ano nas Faculdades, etc., -- nos períodos eleitorais ou de crise, para angariar os adeptos e/ou votantes necessários à sua vitória e, ainda duma forma permanente, junto das camadas já politizadas.

Ora, para que este trabalho tenha, realmente, algum significado, ele não deverá canalizar os estudantes segundo um modelo monolítico e sectário mas sim segundo uma perspectiva capaz de catalizar a espontaneidade, a criatividade e conduzir a um espírito crítico permanente, resultado dialéctico do trabalho teórico e da prática da luta.

## 2.3 - PELO APOIO À LUTA DOS TRABALHADORES PELA CONSTRUÇÃO DUMA SOCIEDADE SOCIALISTA DE BASE

Sendo a Escola uma instituição social enquadrada, actualmente, numa estrutura "capitalista" -- privada ou de Estado, -- todo o processo nela desenvolvido tem motivações e implicações político-sociais bem determinadas. Desta forma, palavras de ordem como sejam o "controle estudantil", "abolição da selecção", o "fim da divisão entre trabalho intelectual e manual", têm um carácter eminentemente político que vai entrar em choque com a Escola "capitalista" e, assim, tais reivindicações não poderão ser efectivadas, na sua globalidade, num sistema "capitalista", mas só numa fase transitória da verdadeira Revolução Socialista.

Por outro lado, porque inseridos num determinado contexto social, os estudantes terão de tomar posição face à sociedade a que pertencem.

Portanto, estes deverão apoiar a luta dos trabalhadores, através dum quotidiano de luta comum, quer minimizando os silêncios ou calúnias da imprensa burguesa, quer fomentando bancas de venda, como, por exemplo, no caso da Sogantal, quer ainda, participando directamente, na luta dos trabalhadores seja ela na rua ou nos seus locais de trabalho.

Assim, deverão os estudantes ligar a sua luta à luta dos trabalhadores através de uma prática comum que conduza, pela via Revolucionária, à Sociedade Socialista de Base.

POR UM MOVIMENTO ESTUDANTIL AUTÓNOMO

POR UMA POLITIZAÇÃO E CONSCIENCIALIZAÇÃO DE BASE

PELO APOIO ESTUDANTIL À LUTA DOS TRABALHADORES

PELA CONSTRUÇÃO DUMA SOCIEDADE SOCIALISTA DE BASE